

**Eixo:** Tradução de/para a escrita de sinais

## **DIFERENÇAS ENTRE A MODALIDADE FALADA TRIDIMENSIONAL E A MODALIDADE ESCRITA LINEAR: UMA QUESTÃO SOBRE TRADUÇÃO PARA LÍNGUA DE SINAIS**

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB) \*

**RESUMO:** Demonstramos, neste trabalho, que o aspecto tridimensional das línguas de sinais está presente não apenas na articulação dos sinais mas também na articulação de frases. Verificamos que, assim como ocorre com as línguas orais (ou oroauditivas), a modalidade escrita de línguas de sinais (ou gestovisuais), ainda inexistente, deverá apresentar estrutura própria. Nessa modalidade não há possibilidade de serem representados processos miméticos comuns à modalidade falada de línguas de sinais, tais como simultaneidade ou aglutinação de raiz verbal e argumentos, variação ocasional na articulação do sinal entre outros. Assim, o trabalho de tradução para uma escrita de libras, deve partir da compreensão de que as modalidades falada e escrita das línguas de sinais devem constituir sistemas distintos, assim como ocorre com as línguas oroauditivas.<sup>1</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita SEL; Frase; Libras; Tridimensionalidade.

### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo investiga um aspecto específico da libras, a tridimensionalidade, o qual diferencia a modalidade falada da modalidade escrita, principalmente quando esta se utiliza de sistemas lineares, como a escrita SEL (Sistema de Escrita de Libras).<sup>2</sup> Esta investigação objetiva demonstrar que, assim como ocorre com as línguas oroauditivas, as línguas gestovisuais apresentam características específicas da modalidade falada que não podem ou não precisam ser representadas na modalidade escrita. A análise, aqui feita, de características articulatórias e sintáticas de amostras de libras falada evidencia o aspecto tridimensional dessa língua não só em nível de composição de sinais, mas também no nível sintático.

---

\* Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB.

<sup>1</sup> Afirma Saussure (2006:34) que “língua e escrita são dois sistemas distintos de signos...”

<sup>2</sup> Sistema de escrita para línguas de sinais, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira, em projeto de pesquisa, financiado pelo CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010), realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, entre 2009 e 2012. Ver Lessa-de-Oliveira (2012).

Assim, considerando que um sistema de escrita eficiente precisa atender ao critério da automatização do processamento no ato da leitura e da escrita, este estudo assume que tal sistema precisa ser necessariamente linear, tanto na representação do sinal quanto na representação de sentenças e do texto. Dessa forma, utilizando a escrita SEL, demonstramos a possibilidade de representar os sinais da libras de forma linear e a necessidade de se elaborar a modalidade escrita da libras também numa dimensão linear, apesar de a modalidade falada dessa língua apresentar elementos tridimensionais.

Em conclusão, este estudo verifica que o trabalho de tradução para uma escrita de libras, assim como a própria produção de textos escritos nessa língua, deve partir da compreensão de que a modalidade escrita da libras deve apresentar estrutura própria, assim como ocorre com as línguas oroauditivas, sendo a estrutura linear a mais adequada por atender à automatização do processamento.

## **MÉTODO**

Realizamos este estudo através de amostras de libras na modalidade falada, recolhidas de fábulas narradas por surdos falantes dessa língua. Apresentamos os dados aqui através de figuras, que são imagens retiradas dos vídeos onde estão gravadas as fábulas, e transcritos em escrita SEL. A transcrição no que chamamos de escrita direta, isto é, escrita da própria língua (a libras) assegura a possibilidade de reconstituição do dado, da forma como ele foi articulado. Além da escrita direta, utilizamos também glosas e interpretação, para facilitar a compreensão dos dados em português.

## **DISCUSSÃO**

Os recursos da tridimensionalidade são tão fortemente empregados em línguas de sinais que, mais que os argumentos, também adjuntos e mais de uma raiz verbal podem se aglutinar no mesmo sinal. Vejamos um exemplo disso. Narrando a fábula “A lebre e a tartaruga”, o sujeito informante 1 –SII– (surdo falante de libras) descreve, da seguinte maneira, o momento em que a lebre tenta recuperar o tempo perdido num cochilo, correndo bastante até se aproximar da tartaruga, que já estava próxima da linha de chegada e acaba por vencer a lebre.

No momento inicial da narrativa, SII fixa dois pontos no espaço, estabelecendo que o ponto a sua esquerda representa a lebre e o ponto a sua direita representa a tartaruga. Com a mão direita configurada em Zê,<sup>3</sup> apontando para frente, braço estendido, e a mão esquerda também configurada em Zê apontando para frente, mas posicionada atrás da direita, SII aproxima a mão esquerda da direita até quase alcançá-la, com expressão facial de muito esforço, mas, antes de ser ultrapassada, a mão direita avança um pouco à frente da outra; SII indica o ponto no espaço marcado para tartaruga e faz o sinal VENCER com a mão direita. Nossa transcrição em glosa deste enunciado em libras são as sentenças (1) e (2) abaixo.

(1) LEBRE(me)\_APROXIMAR\_QUASE\_ALCANÇAR TARTARUGA(md)

‘A lebre, que se aproximava da tartaruga, quase a alcançou.’

(2) TARTARUGA(md) VENCER(md).

‘A tartaruga venceu.’

Em (1), um único sinal aglutinou: os verbos *aproximar* e *alcançar*; os argumentos externo e interno desses verbos, que são os mesmos, respectivamente *a lebre* e *a tartaruga*, (representados pelas mãos esquerda e direita); e ainda o adjunto *quase*.<sup>4</sup> A identificação dos argumentos externo e interno estabelece-se quando o interlocutor marca no espaço físico pontos (Localizadores)<sup>5</sup> que serão utilizados durante toda a narrativa para se referir *à lebre* e *à tartaruga*, através de olhares, giros de corpo, apontação ou utilização diretamente das mãos, sem perder de vista a referência do lado esquerdo *à lebre* e o do lado direito *à tartaruga*.

Quanto às duas raízes verbais, que têm sinais muito semelhantes em libras, as identificamos pela forma como o movimento foi realizado por SII. Primeiro ele avança a mão direita (figura 1a, abaixo), depois aproxima a esquerda da direita (figuras 1b e 1c), com as pontas dos dedos equiparando-se por um instante (figura 1d), acabando por avançar a mão direita pouco à frente da outra (figura 1e), na hora em que a realização deste sinal se encerra.

---

<sup>3</sup> Os nomes das configurações de mão mencionados neste trabalho seguem a tabela de Lessa-de-Oliveira (2012).

<sup>4</sup> Explica Chomsky (1986) que o componente sintagmático da estrutura de línguas naturais pode ser visto como uma espécie de projeção das propriedades lexicais. Os argumentos são selecionados a partir das propriedades lexicais do núcleo.

<sup>5</sup> Ver Prado e Lessa-de-Oliveira (2012).

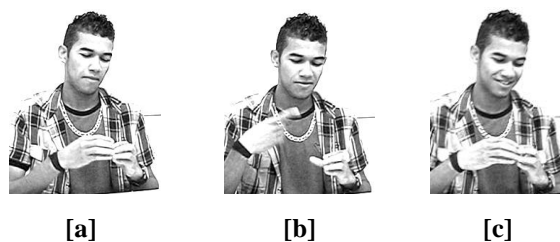


**Figura 1:** Movimentos realizados por SI1 na realização do exemplo (1)

De acordo com Lira e Filipe (2008), no verbo *aproximar* a mão principal, configurada em Zê, em movimento retilíneo, se aproxima da mão de base, também configurada em Zê, sem se equiparar com esta, diferentemente do verbo *alcançar*, que, além de apresentar um movimento semicircular em vez de retilíneo, equipara as duas mãos ao final. Ou seja, o que SI1 realiza é a mistura das duas raízes. E a aglutinação do adjunto *quase* pode ser verificada no fato de os dedos ficarem equiparados, só por um instante (figura 1d), e na associação disto a uma expressão facial de esforço e a um contorno especial nesse movimento em que os dedos tremem ligeiramente quando se equiparam.

O espaço tridimensional, que possibilita distribuir os elementos da sentença, não numa linha, mas num cenário, evoca representação muitas vezes icônica. Filipe (2006) descreve como processo de formação de palavras em libras, um processo denominado *Mimético* ou *Ícônico*. Segundo a autora, a libras, assim como outras línguas de sinais, podem introduzir a mímica juntamente com a estrutura frasal, representando mimeticamente um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação. E, conforme a autora, esses processos miméticos ou icônicos não se confundem com o sistema de classificadores, pois não se trata de acréscimo de morfema obrigatório à raiz.

Esse é outro aspecto bastante importante nesta discussão. A presença desses processos miméticos em libras é tão forte que observamos alteração na realização de alguns sinais em certos contextos, como ocorre no exemplo abaixo.<sup>6</sup>



**Figura 2:** Movimentos realizados por SI2 na realização do sinal OVO

<sup>6</sup> Nessa notação, a palavra subscrita indica o classificador, como em NASCER<sub>OVO</sub>.

O sinal OVO em libras é realizado com a junção das pontas dos dedos das mãos esquerda e direita configuradas em Gancho, seguida de um movimento simultâneo em curva para baixo à esquerda pela mão esquerda e à direita pela mão direita. No exemplo acima, entretanto, o informante SI2 (surdo falante de libras) realizou esse sinal de maneira diferente. Ele juntou as pontas dos dedos das mãos esquerda e direita configuradas em Gancho (figura 2a), dispensou o movimento de curva para baixo das duas mãos e realizou, com a mão direita configurada em Zê, um movimento circular, no plano sagital,<sup>7</sup> enquanto a mão esquerda permaneceu imóvel como configurada anteriormente (figura 2b). Em seguida, a mão direita assumiu novamente a configuração Gancho, juntando as pontas dos dedos aos da mão esquerda, que permaneceu imóvel todo o tempo (figura 2c).

A nossa análise para esse fenômeno é a seguinte. Devido à incorporação de processos icônicos, o falante de línguas gestovisuais associa a articulação dos sinais a uma realização mimética constante. Como ocorre de modo geral, o sinal de OVO é icônico em libras. Este sinal reproduz com clareza a imagem de um ovo, seguro pelas duas mãos, sendo quebrado ao meio, deixando-se a gema e a clara cair. Se o informante SI2 está falando de um ovo do qual nascerá um pinto, ele optou por não quebrá-lo, e, em vez disso, representou o passar do tempo necessário para o ovo ser chocado, marcando isso mimeticamente pela permanência da mão esquerda imóvel, que simbolizou a permanência do ovo inteiro durante o tempo que passa (representado pelo movimento circular da mão direita). E o retorno da mão direita a compor novamente a imagem do ovo é para reforçar a idéia de que o ovo permanece fechado enquanto o tempo passa.

A observação da tridimensionalidade no nível da sentença em línguas de sinais nos leva a constatar que, na modalidade falada, a libras, devido a sua natureza gestovisual, se articula em muitos aspectos de forma tridimensional tanto na constituição interna do sinal quanto na estrutura das sentenças. Essa característica traz implicações para a modalidade escrita, pois, embora a escrita não seja a representação *ipsis verbis* da fala, esta é uma modalidade de segunda ordem, que se pauta na modalidade falada, tomando-a como ponte em seu processo de aquisição.<sup>8</sup>

Em línguas oroauditivas, observa-se que a fala se articula num contínuo, em que não se percebe acusticamente nem a divisão entre os fonemas nem entre as palavras, mas

---

<sup>77</sup> Para maior informação sobre os planos de movimento em sinais ver Lessa-de-Oliveria (2012).

<sup>8</sup> Ver Kato (2005), que correlaciona a aquisição da escrita à aquisição de segunda língua (L2).

distinguimos essas unidades no processamento. Já na escrita existe a necessidade de segmentação clara dessas unidades. Em língua de sinais, também observamos um contínuo na articulação da fala, mas nessas línguas esse fenômeno se torna mais complexo devido aos processos miméticos. Da mesma forma que não é possível decodificar a sequência oroauditiva contínua em (3b), não conseguiríamos decodificar um tipo de escrita de língua de sinais que procurasse reproduzir o contínuo da modalidade falada na escrita, como tentamos fazer em (3a).

(3) a.  $\alpha\phi\text{-}h\phi Y \cdot \alpha\phi\text{-}h\phi\alpha\phi\text{-}h\phi Y$

b. Alebrequeseaproximavadatartarugaquasealcançoumasatartaguravenceu.

Dessa forma, a escrita de frases em línguas de sinais precisará apresentar-se com unidades lexicais claramente segmentadas, escritas por grafia padronizada e organizadas de forma linear. Será necessária também a presença de alguns elementos conectivos e outros anafóricos, que possam construir a referência a partir apenas dos elementos presentes no enunciado escrito. Tudo isso se definirá a partir do uso de uma escrita pelos falantes de libras, mas, podemos supor que a escrita das frases pode ser como o exemplo a seguir.

(4)  $\overline{M}\overline{V}\overline{Q}\overline{M} \quad \alpha\psi\text{-}h\psi Y \quad \rho\theta\check{\alpha} \quad \alpha\psi\text{-}h\psi\alpha \quad \psi\check{\alpha}\text{-}\overline{M}\check{\alpha}\check{\alpha},$

LEBRE APROXIMAR QUASE ALCANÇAR TARTARUGA

$\alpha\epsilon\text{-}h\theta\check{\alpha}\cdot\psi\phi\cdot\cdot\cdot\cdot\psi \quad \psi\check{\alpha}\text{-}\overline{M}\check{\alpha}\check{\alpha} \quad \overline{M}\psi\psi Y \times$

MAS TARTARUGA VENCER

‘A lebre, que se aproximava da tartaruga, quase a alcançou, mas a tartaruga venceu.’

Portanto, verificamos neste estudo que a tridimensionalidade não é uma característica restrita à constituição dos sinais; esta ocorre também no nível das frases, o que resulta em processos de simultaneidade e incorporação de argumentos à raiz verbal e na utilização de processos miméticos que produzem variação na composição do sinal e da estrutura sintática. Essas variações, que são peculiares à modalidade falada de línguas de sinais, não são compatíveis com a modalidade escrita. Por isso o conhecimento da estrutura da frase em libras e as possibilidades de formatação de uma escrita são imprescindíveis ao trabalho de tradução para uma escrita de sinais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

FILIPPE, Tanya. Os processos de formação de palavras na Libras. *Educação Temática Digital*, v. 7, 2006.

KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, Maria Aldina et al. *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), v. 5, 2005.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear, *ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem*, v. 10, n. 19, 2012. (a publicar)

PRADO, Lizandra; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade “falada” de línguas de sinais, *ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem*, v. 10, n. 19, 2012 (a publicar)

LIRA, Guilherme; FILIPPE, Tanya. *Dicionário da língua brasileira de sinais*. Versão 2.1. Rio de Janeiro: INES, 2008. (Disponível em: [www.acessobrasil.org.br](http://www.acessobrasil.org.br))

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.